

EMBARGO: Não pode ser transmitido por agências de notícias nem inserido em sites da Internet ou qualquer outro meio de comunicação antes das 12h de 19 de abril de 2004 (Hora de Washington)



Banco Mundial

Comunicado à imprensa
2004/284/LAC

Contatos:

Christopher Neal (202) 473-7229

Cneal1@worldbank.org

Alejandra Viveros (202) 473-4306]

Aviveros@worldbank.org

TV/Rádio: Cynthia Case (202) 473-2243

Ccase@worldbank.org

CRESCIMENTO VOLTA À AMÉRICA LATINA E CARIBE

Região deverá crescer à taxa de 3,8 por cento, liderada por fortes exportações e pela recuperação de Brasil e México

WASHINGTON, 19 de abril de 2004 —Depois de registrar uma taxa lenta de crescimento de 1,3 por cento em 2003, a região da América Latina e do Caribe deverá crescer ao ritmo de 3,8 por cento em 2004, graças ao crescimento das exportações e à crescente recuperação no Brasil e no México, afirma o relatório do Banco Mundial *Global Development Finance 2004 (Financiamento do Desenvolvimento Mundial 2004)*

“O crescimento da região tem sido lento, em parte devido ao desempenho desigual entre os países”, explicou François Bourguignon, Economista Chefe do Banco Mundial. “Mas com a ampliação da recuperação, especialmente no Brasil e no México desde o fim de 2003, a região deverá crescer a uma taxa de 3,8 por cento em 2004”.

Segundo a publicação *Financiamento do Desenvolvimento Mundial 2004*, o PIB da região cresceu à taxa de 1,3 por cento em 2003, depois de ter se contraído ao ritmo de 0,6 por cento em 2002. Se excluirmos os que se recuperam de crises profundas e agora crescem a altas taxas, como a Argentina, Uruguai e a República Bolivariana da Venezuela, os países de melhor desempenho estão no Grupo Andino, onde Chile, Colômbia e Peru registraram taxas anuais de crescimento superiores a 3 por cento.

Em escala mundial, o crescimento econômico aumentou de 1,8 por cento em 2002 para 2,6 por cento em 2003 e deverá saltar para 3,7 por cento este ano. Os países em desenvolvimento cresceram a uma taxa estimada em 4,8 por cento em 2003 e deverão registrar crescimento de 5,4 por cento em 2004, superando o recorde de 5,2 por cento atingido no ano de 2000.

“Agora que a América Latina e o Caribe estão voltando a crescer, depois de sofrerem choques externos adversos e sucessivos desde 1999, a região deve aproveitar a oportunidade para reduzir suas vulnerabilidades macro-financeiras para aumentar a sua resistência, e avançar ainda mais nas reformas estruturais para acelerar o crescimento a longo prazo”, comenta

Guillermo Perry, o Economista-Chefe do Banco Mundial para a Região da América Latina e Caribe.

Tabela 1.10 Sumário das perspectivas de crescimento na América Latina e Caribe

Taxas percentuais de crescimento /pontos/coeficientes

	1991-2000	2000	2001	2002	Estimativa Previsão			
					2003	2004	2005	2006
Crescimento real do PIB	3.4	3.7	0.3	-0.6	1.3	3.8	3.7	3.5
Contribuição para o crescimento, pontos								
Consumo privado	2.7	2.5	0.4	-1.4	-0.1	2.4	2.4	2.1
Investimento fixo	0.8	0.6	-0.5	-1.3	-0.2	1.3	1.2	0.9
Saldo líquido estrangeiro	-0.3	-0.7	0.4	1.9	1.0	-0.1	0.3	0.1
Saldo da conta corrente, parcela do PIB	-2.8	-2.3	-2.8	-0.9	-0.2	-0.5	-0.9	-1.0
Saldo fiscal, parcela do PIB	-8.6	-3.0	-2.9	-3.0	-2.4	-1.4	-1.1	-1.2
Itens: crescimento real do PIB								
América Central	4.5	3.2	1.9	2.0	3.1	3.1	3.0	2.9
Caribe	4.3	5.8	2.7	3.0	0.5	0.8	2.9	3.0

Fonte: Estimativas do Banco Mundial

Em contraste com outras regiões em desenvolvimento, o relatório diz que o crescimento na América Latina e Caribe resultou de maiores exportações líquidas em 2003, que contribuíram um por cento para o crescimento e fizeram com que se tornasse comum alcançar posições superavitárias. Apesar disso, o consumo e as despesas internas diminuíram, reduzindo o déficit agregado da conta corrente de US\$53 bilhões em 2001 para US\$4,5 bilhões em 2003.

Segundo o relatório, dentre os principais fatores da recuperação estão a melhor administração macroeconômica, que reduziu a inflação em toda a região, a persistência por décadas na adoção de estratégias orientadas para o comércio internacional, que aumentaram os fluxos de comércio e reduziram a volatilidade das receitas das exportações, bem como taxas de câmbio mais competitivas e flexíveis.

O estudo adverte, porém, que, ao reavivar-se a demanda interna, as importações deverão crescer e que uma deterioração substancial das contas externas deve ser evitada através de políticas fiscais prudentes.

“O desafio das políticas públicas é fixar um ritmo sustentável de crescimento – especialmente por meio do aumento da produtividade – e evitar a tentação de tomar empréstimos excessivos em decorrência de um dólar mais desvalorizado e de margens mais baixas nas taxas de juros”, observa **Mansoor Dailami, principal autor do relatório.**

Quanto à evolução dos fluxos financeiros, os **fluxos de recursos financeiros líquidos** para a região caíram abruptamente de um ápice de US\$138 bilhões em 1998 para US\$38 bilhões em 2002 – ou seja, de 6,9 para 2,3 por cento do PIB – a maior variação registrada em qualquer região, estabilizando-se ao nível de US\$46 bilhões em 2003.

O relatório afirma que a evolução dos fluxos financeiros reflete uma redução dos fluxos de **Investimento Estrangeiro Direto (IED)** de 5 por cento do PIB em 1998 para apenas 2 por cento em 2003, graças ao fim da onda de privatizações e às dificuldades econômicas no Brasil e na Argentina. Mas apesar da queda dos IED na região, cinco países da América Latina permanecem entre os 10 maiores recebedores de IED – China, Brasil, México, Argentina, Polônia, República Checa, Chile, República Bolivariana da Venezuela, Tailândia e Índia.

Por outro lado, os fluxos líquidos de dívida a longo prazo caíram de 3,2 por cento do PIB em 1998 para um fluxo negativo equivalente a 0,6 por cento em 2002, antes de voltarem a ser levemente positivos em 2003.

###

Para obter maiores informações sobre o trabalho do Banco Mundial na América Latina e Caribe, visite por favor o site: www.worldbank.org/lac